



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1063

O FESTEJAR RELIGIOSO EM SOLO EGÍPCIO DURANTE O NOVO IMPÉRIO: A FESTA DE BASTET EM BÚBASTIS

Maura Regina Petruski
UEPG- Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: O presente trabalho aborda uma das festividades religiosas que ocorreram em solo egípcio durante o Novo Império em honra a deusa gata Bastet. Esta se realizava na cidade de Bubástis, no tempo da estação da sementeira egípcia chamada de Peret. Com esse trabalho, objetiva-se conhecer outra faceta da história da terra dos faraós que até então era pouco explorada, buscando investigar como essa celebração se desenrolava, identificando quais eram as suas etapas festivas bem como as simbologias e rituais que dela faziam parte. Essa comemoração esteve presente desde o período do antigo império egípcio, porém ganhou maior significância sob o reinado dos faraós da décima segunda dinastia, quando Bastet passou a condição de divindade nacional. Era durante esse momento festivo que a deusa homenageada deixava o seu templo e saía às ruas em cortejo em sua barca sagrada, sendo esse um momento ímpar para que a população entrasse em contato mais próximo com a sua divindade. As informações sobre essa modalidade de cultura se fazem presentes nas representações iconográficas templária e funerária, nas estelas e na literatura egípcia. Por meio de tais festividades percebe-se que os valores religiosos egípcios são confirmados bem como a manutenção e a reafirmação do poder real.

Palavras-chave: festivais; celebração; religiosidade; poder.

A mais de cinco mil anos, floresceu uma das mais enigmáticas civilizações, que sempre despertou a atenção e a curiosidade de estudiosos de diferentes áreas de conhecimento. A sociedade egípcia, o povo da esfinge ou a terra dos faraós, como também é conhecida, se edificou as margens do rio Nilo no nordeste africano.

Estes foram responsáveis pela construção das pirâmides, por esculpirem a esfinge, por erguerem templos colossais, por mumificarem corpos, por praticarem a astronomia e a medicina, por desenvolverem um sistema de escrita decifrado tardiamente, mas, acima de tudo, por deixarem sua marca registrada na história da humanidade.

O Império Egípcio, que se estendeu por milênios, foi alçado após o ano de 3200 a.C. com a união do Alto e do Baixo Egito sob a figura de Menés. Politicamente, eram administrados pelos faraós que se sucederam em longas dinastias, que atingiram seu ápice no Novo Império quando governantes como a faraona Hathsepsut (1508-1458 a.C.), Tutmés III(1479-1425 a.C.) e Ramsés II(1279-1213 a.C.) gerenciaram esse império, e foi durante esse período que o território egípcio se expandiu por meio das guerras, da diplomacia e do comércio.

Ademais, com um alto desenvolvimento científico e cultural, sua marca ficou registrada em sua representação simbólica pintada nas paredes dos templos sagrados, no interior das necrópolis, no entorno das estelas, nos monumentos, nos rolos de papiro e nas ostras que, atualmente, são importantes fontes de trabalho para pesquisadores que seguidamente revelam ao mundo outras considerações a respeito dessa sociedade que foi incompreendida por muito tempo, até que suas representações simbólicas fossem decodificadas. Rosalie DAVID, faz menção a essa perspectiva dessa sociedade quando escreveu que, “os antigos egípcios deixaram um rico legado, o qual, além de monumentos bem-preservados, artefatos e restos humanos, inclui uma extensa literatura religiosa e secular. Todas essas fontes nos possibilitam compreender e interpretar ideias e conceitos que, em alguns casos, se originaram há 5000 anos” (2011, p.40).

Sem sombra de dúvidas, a religião criada no espaço geográfico que formava o território egípcio era um elemento que norteava a vida dos indivíduos dessa terra, isso porque ela permeava todas as outras instâncias que formava a sociedade egípcia passando pelas esferas política, social, cultural, etc.

Uma cosmogonia repleta a partir de mitos e com a presença de deuses em formas antropozoomórficas, onde homens, animais e forças ocultas se misturavam e estabeleciam um conjunto de crenças transformadas em representações imagéticas que criava uma identidade religiosa, que foram construídas para serem lidas simbolicamente. Filoramo e Prandi afirmam que, “os comportamentos e sinais, as linguagens e os símbolos são o objeto privilegiado da antropologia religiosa, para a qual a experiência do sagrado interessa não só em suas origens, mas também na sua explicação em mitologias e cosmogonias, crenças e rituais observáveis como experiência humanas” (2008, p.205).

Eram nos templos que a materialização dessa crença composta de seus signos e sinais se manifestavam por meio da figura do faraó, dos sacerdotes, das sacerdotisas e de alguns músicos, sendo que esses dois últimos somente se faziam presentes nesse espaço sagrado com o aval do faraó, mas mesmo assim eram restritos a algumas salas específicas do conjunto templário, nas quais poderiam transitar. Já algumas cerimônias eram realizadas especificamente pelos sacerdotes de primeiro escalão, e outras somente pelo faraó. Dessa forma, constata-se a completa exclusão dos demais segmentos sociais dessa prática da religiosidade egípcia, que eram proibidos de adentrar nesse espaço sagrado, participando somente dos rituais que se desenvolviam na parte externa do templo para além dos seus portões, entre elas os festivais religiosos.

Os principais festivais religiosos egípcios estabelecidos eram classificados em três categorias: os festivais dedicados a um deus(a), os festivais para homenagear os mortos, e os festivais que iniciavam os ciclos do trabalho agrícola de preparar o solo, semear as sementes e colher os frutos da plantação.

Estes foram organizados pelos sacerdotes como forma de ordenar a vida civil e religiosa do Egito faraônico, que eram celebrados tendo como parâmetro de referência três modalidades de calendários: o primeiro; o calendário Lunar, de 30 dias dividido em três semanas de 10 dias, o segundo; o calendário civil, de 365 dias, tendo como base o sol e possuindo três divisões: Akhet (inundação), Peret (semeadura) e Shemu (colheita); e o terceiro, o calendário sótico, baseado no ciclo da estrela Sótis.

Com duração de um ou mais dias, os integrantes do povo da esfinge se reuniam para comemorar seus deuses por meio desses festivais, como pode ser observado no calendário exposto abaixo que foi organizado durante o Médio Império.

AKHET	1 mês	2 meses	3 meses	4 meses
	Dia 1: Ano Novo	Dia 26: Festa de Sokar	Dia 20: <i>Heden</i> festa de plantas de Hathor	Dia 1: Périplo de Hathor
	Dia 17: Véspera de abanar-festival	Dias 27 / 8: Feast of Montu e Hórus de Medamud	Dia?: Levantar o céu	Dia 26: Festival de Sokar
	Dia 18: WAG-festival		Dia?: Exaltando a Deus	Dia?: Unção dos deuses
	Dia 20: Festa de embriaguez		Dia?: Périplo de	Dia?: Entrando no céu

	Dia 22: grande procissão de Osíris Dia?: Renovação do ano		Sokar Dia?: Entrando no céu.	Dia?: Desenho junto Sokar
PERET	1 mês Dia 1: Neheb festival de kau Dia 1: Périplo de Hathor	2 meses Dia?: Festa de Sokar Dia?: Desenho ao longo de Sokar	3 meses Dia 1: Burning Grande Dia?: Entrando no templo Day? ou 4 meses de Peret: Periplus	4 meses Dia 1: Burning Lesser Dia 14 ou 15: Indo adiante para a Sky Dia 15: A renovação do Ano Dia 21: Festa da Vitória
SHEMU	1 mês Dia?: Sobek Festa do Senhor dos Sehwy Dia?: Festival do Vale	2 meses Dia 1: Festival (?) Dia?: Festival da Régua	3 meses Dia?: Festival de Sobek	4 meses
Cinco dias epagomenal	Dia 1: Aniversário de Osíris Dia 2: Aniversário de Horus Dia 3: Aniversário de Sete Dia 4: Aniversário de Isis Dia 5: Aniversário de Nephthys			

SHERIF EL-SABBAN. **Calendários festival Templo do Egito antigo**, Liverpool University Press, 2000.

Assim, em quase todo o decorrer do ano, várias celebrações em honra aos deuses eram realizadas. De acordo com Normandi Ellis, era na lua nova ou na cheia que a grande maioria dessas festividades aconteciam, chegando ao ponto de que no reinado do segundo faraó da vigésima dinastia Ramsés III (1186 – 1155 a.C.), o

número de comemorações chegou a 120 no ano. Vale lembrar que a intensidade e a valoração das comemorações, variava de acordo com o faraó que estava no poder para com os deuses que ele possuía mais devotamento os quais eram honrados com mais brilhantismo e pompa. Ainda de acordo com a autora, por meio delas se “celebrava a renovação em todos os níveis, temporal e eterno, astronômico e agrícola, individual e comunitário, psicoespiritual e político” (2003, p.18).

Especificamente a deusa gata Bast ou Bastet, era homenageada em 5 de dezembro (nosso calendário), no primeiro mês Tybi da estação da sementeira chamada de Peret, em Bubástis, cidade que estava situada no Delta do rio Nilo, na região conhecida como Baixo Egito, onde essa deusa era laudada com mais fervor, pois seu maior templo estava localizado nesse local.

No panteão egípcio, essa divindade era representada por uma gata negra - *myw* –, que ostentava nas orelhas um grande brinco e no pescoço um colar com o olho de *wedjat* (olho de hórus). Na perspectiva antropozoomórfica, ela é encenada com o corpo de uma mulher que tem uma cabeça de gata que traz na mão direita um sistro, que quando embalado acalmava a alma e dispersava as energias negativas.

Os gatos, na sociedade egípcia, eram de grande valor, pois eles protegiam as colheitas e retardavam a propagação de doenças, matando os vermes, dessa maneira *Bastet* passou a ser vista como uma potestade vigilante e protetora.

Num primeiro momento essa deusa foi cultuada em pequenos santuários domésticos, porém a partir da XII dinastia (1991-1783 a.C) ela foi ascendida à condição de uma divindade de cunho nacional, ganhando um grande templo, um séquito de sacerdotisas e integrantes do clero em geral.

No ponto de vista dos egípcios, os gatos eram a encarnação de Bastet e devido a isso, felinos de espécies diferentes eram criados em seus templos para distintas finalidades: uns para serem sacrificados em sua honra durante os dias festivos; outros, para serem embalsamados e enterrados tal qual os humanos pelos seus devotos. Na iconografia mortuária produzida nas paredes internas das necrópolis, a representação desse animal pode ser encontrada com grande frequência dada a sua relevância no cotidiano dessa civilização.

Dada a essa relevância do papel dos deuses na vida dos egípcios, esses buscavam se fazer presentes nos momentos de culto coletivo dos seus seres de devotamento e, dessa forma, percorriam longos caminhos até o local em que eles seriam laudados.

Para participar da festividade em homenagem a Bastet, o deslocamento se dava basicamente pelo leito do rio Nilo, quando barcos repletos de adoradores da divindade saíam de várias cidades e aldeias ao destino final que era a cidade de Bubástis. Muitas vezes, durante essa locomoção mulheres e crianças iam em embarcações separadas dos homens, as quais iam batendo suas castanholas e seus chocalhos, como forma de laudação a homenageada antes mesmo de chegar ao local específico da comemoração. Já os homens, tocavam suas flautas acompanhados pelo bater de palmas e cânticos dos demais componentes da comitiva, que quando chegavam em uma das paradas do trajeto para recolherem mais pessoas afetuosas da divindade, aumentavam o somido musical para receber os novos integrantes que adentravam a embarcação (LÓPES & SANMARTIN, 1993, p. 144) .

Enquanto isso, ainda dentro do templo, a representação da deusa deveria ser devidamente preparada pelos sacerdotes para a sua aparição pública, pois era a figura ímpar na comemoração. Inicialmente, a imagem era perfumada por diversas espécies de plantas aromáticas, e sobre ela era passado óleos e unguentos e lhe era brindado algumas oferendas de alimentos e flores, tudo isso ao som cânticos e hinos sagrados produzidos pelos músicos que ficavam num ambiente próximo ao da preparação. A purificação era realizada com uma libação de água benta que havia sido retirada do poço que ficava dentro do templo, e também com uma fumigação de queima de incenso.

Depois disso, a imagem era colocada dentro de uma barca portátil que normalmente ficava guardada cuidadosamente em uma das salas do templo sob um suporte de pedra e, posteriormente, a barca era carregada sobre os ombros dos porteiros e era encaminhada para fora do espaço templário para dar início a procissão e era somente nesse momento que os espectadores viam a imagem da sua potestade. Esse espetáculo único acontecia sob os olhares atentos dos seus admiradores e se dirigiam a imagem da deusa que somente nesse momento se deixa ver durante o

decorrer do ano. Um trompetista abria a marcha musical seguido por outros músicos que tocavam tambor e flauta e outros instrumentos musicais.

Nesse cortejo visivelmente hierarquizado as pessoas se colocavam para o curto trecho que os levava até o Nilo, a barca sagrada devidamente escoltada pelos militares com suas insígnias, os músicos e as bailarinas. Quando chegavam a margem do rio, a barca processional era transferida para uma outra embarcação fluvial para fazer o seu trajeto nas águas que margeavam seu templo, pois mesmo havia sido construído numa pequena ilha dentro do rio Nilo, cujo acesso se dava através de pequenas balsas. A partir de então, a procissão seguia rio abaixo, num trajeto previamente definido, sendo seguido por outras embarcações repleta de seguidores.

Em algumas das cerimônias religiosas os representantes do clero pretórico e especializado quem faziam as honras na falta do faraó, pois na hierarquia religiosa egípcia, existiam várias classes de sacerdotes, segundo as tarefas que eles desempenhavam na liturgia e na administração dos bens do domínio sagrado (LÓPES & SANMARTIN, 1993, p. 144).

Dessa maneira, os sacerdotes tinham a permissão para substituir a ausência do faraó, fato esse que ocorria quando a festividade era de cunho nacional, pois o governante não poderia estar em todos os locais num mesmo momento cerimonial. Mas, de acordo com o dogma egípcio, que afirmava que era exclusivamente o faraó que possuía a condição de estabelecer o contato eficaz com a divindade, com cada um dos deuses e em todos os templos do Egito. O único oficiante era o rei, o filho de deus que atendia as necessidades de seu pai e obtinha todo o benefício de sua piedade.

Depois da procissão, a imagem de Bastet retornava a sua morada oficial em sua sala com pouca iluminação dentro do templo, para dela sair somente no ano seguinte, quando uma nova comemoração era preparada. Quanto aos participantes, ficavam nos arredores do templo bebendo, dançando, brincando, conversando e fazendo balbúrdia, para mais tarde retornarem as suas casas, se sentindo abençoados e protegidos e, também, com o sentimento de dever cumprido. Mas, até então, grande parte dessa comemoração era regada por muito vinho, como foi destacado por Heródoto nas suas *Histórias*: “no curto período das festividades consome-se mais vinho do que em todo o resto do ano, pois para ali se dirigem,

segundo afirmam os habitantes, cerca de setecentas mil pessoas de ambos os sexos, sem contar as crianças” (1964, p. 139).

Assim, a partir desses relatos, observamos que por meio das festas religiosas podemos conhecer um pouco da cultura de uma sociedade, e que elas fazem parte do sistema de crenças de diferentes grupos sociais. Também, por meio delas construções de mundo foram edificadas e que elas possuem um caráter simbólico e são portadoras de significação, as quais acontecem por meio de rituais representados nos gestos, nos corpos, nas falas e nos paramentos específicos que nele são utilizados para fazerem a ligação do mundo terreno com o campo espiritual, fato esse visivelmente observado no festival em honra a Bastet em solo egípcio.

BAKOS, Margaret Marchiori. **Fatos e mitos do antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1994.

DAVID, Rosalie. **Religião e magia no Antigo Egito**. Tradução de Ângela Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

ELLIS, Normandi. **Deuses e Deusas Egípcios, festivais de Luzes**. São Paulo: Madras, 2003.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2008.

HERÓDOTO. **Histórias**. 1964.

LÓPEZ, Jesus; SANMARTIN, Joaquín. **Mitología y Religion del Oriente Antiguo I. Egito- Mesopotamia**. Barcelona: AUSA, 1993.

VERCOUTTER, Jean. **O Egito Antigo**. Tradução de Francisco G. Veidemann. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, Difusão editorial, 1980.

